



ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE ESPANHOL: QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS



ANALYSIS OF SPANISH TEACHING BOOKS: ETHNIC-RACIAL ISSUES

LEONARDO BARBOSA MENDES

JULIANA HARUMI CHINATTI YAMANAKA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 31/07/2020 • APROVADO EM 17/10/2020

Abstract

The general objective of this paper centered on the analysis of the ethnic-racial issues present in two textbooks of Spanish as an additional language, approved by the PNLD 2015-2017. For that, specific objectives were established (i) analyzing images, as well as (ii) verifying the presence and (iii) discussing the activities centered on ethnic-racial issues of two Spanish language textbooks used in high school. For that, it started from considerations of Applied Linguistics and ethnic-racial studies. The methodological path included qualitative, documentary and bibliographic research, and the analysis of the data was interpretative. Aware of the importance of additional languages in the training of students for the construction of a more egalitarian society, it is understood that the textbook has an important role and that it is a fundamental instrument for both teachers and students in the teaching and learning process. The results of this research indicated that the approach to ethno-racial issues still needs to be expanded and deepened in textbooks, not only by the under-representation of images, but especially by the superficiality with which this issue is addressed in the materials.

Resumo

O objetivo geral deste artigo centrou-se na análise das questões étnico-raciais presentes em dois livros didáticos de espanhol como língua adicional, aprovados pelo PNLD 2015-2017. Para isso, foram estabelecidos como objetivos específicos (i) analisar imagens, bem como (ii) verificar a presença e (iii) discutir as atividades centradas em questões étnico-raciais de dois livros didáticos de língua espanhola utilizados no ensino médio. Para isso, partiu-se de considerações da Linguística Aplicada e dos estudos étnico-raciais. O percurso metodológico incluiu a pesquisa qualitativa, documental e bibliográfica, sendo a análise dos dados interpretativista. Consciente da relevância das línguas adicionais na formação de estudantes para a construção de uma sociedade mais igualitária, entende-se que o livro didático tem um papel importante e que é um instrumento fundamental tanto para professores quanto para os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Os resultados desta pesquisa indicaram que a abordagem sobre as questões étnico-raciais ainda necessita ser ampliada e aprofundada nos livros, não somente pela sub-representação imagética, mas, especialmente, pela superficialidade com que essa questão é abordada nos materiais.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Ethnic-racial issues. Textbook. Language Teaching.

PALAVRAS-CHAVE: Questões étnico-raciais. Livro Didático. Ensino de Línguas.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Com frequência, nas aulas de línguas adicionais, o livro didático é um dos recursos principais de acesso à língua-alvo para o estudante, bem como recurso fundamental para o professor (ARAÚJO, 2012). É por esse motivo que ele se posiciona como um dos elementos centrais do processo de ensino-aprendizagem, afetando objetivos a serem alcançados, competências e habilidades a serem desenvolvidas, bem como conteúdos a serem priorizados.

Se os livros didáticos estão conectados a valores, posições ideológicas e paradigmas educacionais que tratam do papel do ensino de línguas, dos estudantes, dos professores nas escolas (ARAÚJO, 2012), eles desempenham papel importante para o alcance de uma educação antirracista.

Entendemos que a relevância das perguntas por nós pensadas devem-se ao fato de a escola, como componente da sociedade, não estar livre do racismo estrutural. Por esse motivo, a abordagem das questões étnico-raciais deve ser uma dimensão também das aulas de línguas adicionais, como parte da luta contra práticas racistas que afligem pessoas no Brasil e no mundo todos os dias. De acordo com Ribeiro (2019), ser antirracista significa que você deve se informar sobre o racismo, enxergar a negritude, reconhecer os privilégios da branquitude, perceber o racismo internalizado em você, apoiar políticas educacionais afirmativas, transformar seu ambiente de trabalho, ler autores negros, questionar a cultura que você consome, conhecer seus desejos e seus afetos e combater a violência racial.

Publicada em 2003, a Lei n. 10.639 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da presença da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, marco fundamental na luta contra o racismo. Desde então, essa temática passa a formar parte do currículo da Educação Básica como tema transversal, devendo, portanto, estar inserida na prática pedagógica de todos os professores. É evidente que normas curriculares, por si só, são insuficientes e incapazes de erradicar preconceitos, e provocar mudanças nas práticas sociais.

Nesse sentido, entendemos que o livro didático tem importante papel por ser um instrumento fundamental no ensino de línguas, configurando-se, algumas vezes, como principal, ou única, matriz orientadora do fazer pedagógico em sala de aula. Por esse motivo, compreendemos ser tão relevante a investigação sobre a representação das questões étnico-raciais em livros didáticos de línguas adicionais.

Diante disso, o *objetivo geral* deste artigo centrou-se na análise das questões étnico-raciais presentes em dois livros didáticos de espanhol como língua adicional. Para isso, foram estabelecidos como *objetivos específicos* (i) analisar imagens, bem como (ii) verificar a presença e (iii) discutir as atividades centradas em questões étnico-raciais de dois livros didáticos de língua espanhola utilizados no ensino médio. Buscando refletir como o ensino de uma língua adicional pode contribuir para o diálogo com os problemas sociais enfrentados pela sociedade brasileira, ao final do artigo, pretendemos retomar as seguintes *perguntas orientadoras*: (i) de que modo a diversidade étnico-racial é representada imageticamente nos livros didáticos selecionados? E (ii) como se caracterizam as atividades propostas para as questões étnico-raciais?

Para a execução desta pesquisa, foram utilizados como referência documentos norteadores da educação brasileira, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013), os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), o Programa Nacional do Livro Didático (2015-2017), a luz do que propõe a Lei n. 10.639/2003.

A seguir, apresentaremos a fundamentação teórica que orientou este estudo, que abordará as seguintes seções: Por uma Linguística Aplicada antirracista; As questões étnico-raciais e O livro didático para o ensino de línguas adicionais. Na quinta seção, apresentaremos o percurso metodológico que orientou o estudo. Na sexta seção, faremos a exposição dos resultados encontrados e, em seguida, a apresentação da discussão. E, por fim, nas considerações finais, retomaremos as perguntas norteadoras do estudo.

2. POR UMA LINGUÍSTICA APLICADA ANTIRRACISTA

Com o objetivo de trazer contribuições para o campo de *Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores de Línguas*, optamos por operar a partir da Linguística Aplicada (LA) enquanto campo investigativo transdisciplinar de viés crítico e comprometido socialmente. Por esse motivo, compreendemos que o trabalho integrado promovido por docentes deve ser orientado rumo a

transformações sociais, partindo-se do contexto em que está inserida a escola, bem como os membros que a compõem.

Mesmo após a independência da dominação portuguesa, o Brasil continua mergulhado em memórias (epistêmicas, políticas e culturais) que se produziram no encontro colonial. Um dos pilares do projeto moderno colonial se sustenta pela reprodução de uma racionalidade eurocêntrica, isto é, uma visão de mundo centrada na superestimação das experiências e dos valores de sujeitos europeus. Na América, essa marca traz consigo traços de um colonialismo que, com frequência, constitui-se a partir de práticas de diferenciação racial que retroalimentam desigualdades. No caso dos processos de ensino e aprendizagem de novas línguas, é possível notar traços da colonialidade, ou seja, a continuidade de uma cosmovisão pautada na superioridade do branco europeu e na inferioridade dos povos colonizados, em práticas e discursos pedagógicos que sobrevalorizam tanto a variante europeia da língua espanhola, como sua(s) cultura(s) de um modo geral em detrimento das produções dos povos colonizados. Nesse sentido, uma Linguística Aplicada crítica, anticolonial e, portanto, antirracista, deve ser capaz de problematizar os modos de produção do fazer científico para desvelar relações de poder subjazem as práticas linguísticas, discursivas e pedagógicas (SEVERO, 2017).

Segundo Moita Lopes (2006), os estudos em LA, possuem caráter aplicado em Ciências Sociais, o que sugere a possibilidade uma interface que visa compreender os problemas relativos ao uso da linguagem em sua conexão com o contexto social. Para essa perspectiva, não se pode deixar de lado a heterogeneidade dos falantes de línguas, bem como de seus grupos. Como exemplo de especificidades que podem ser consideradas, temos a classe social, a sexualidade, o gênero, a raça, etc. Perceber o sujeito constituído em relação, a partir de discursos sobre as diferenças nos quais são construídas práticas de desigualdades, é um desafio atual para que a LA. Se a resolução de conflitos comunicativos é benéfica para as relações, é parte do papel do linguista aplicado ser um membro ativo na luta pela desconstrução de práticas linguísticas assimétricas.

Experiências racializadas atravessam o processo de ensino e aprendizagem, por isso, dar visibilidade a essas questões contribui para que percebamos como a educação e a língua são poderosas ferramentas para a transformação social. Nesse processo, o professor deve estar preparado para abrir diálogos fundamentados, críticos e democráticos, para enfrentar e combater práticas e padrões discriminatórios, fazendo-se efetivar uma educação antirracista e uma prática pedagógica comprometida no combate contra as desigualdades pertencentes às relações étnico-raciais.

3. AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Conforme nos explica Kabengele Munanga (2004), assim como outros conceitos, “raça” possui diferentes acepções semânticas a depender do tempo e espaço. É imprescindível perceber que as ressignificações históricas do uso desse termo implicam em compreender ao menos duas dimensões radicalmente distintas. A primeira diz respeito à reprodução da ideia equivocada de que os grupos humanos

seriam divididos de acordo com características biológicas que explicariam desigualdades sociais. Nessa dimensão, o termo raça (originariamente usado para classificar as espécies de animais e vegetais) foi largamente operado pelas ciências em práticas perversas de reprodução de ideário racista que legitimava relações de dominação. Se é verdade que o uso de “raça” em termos biológicos já não tem mais validade científica, é um engano pensar que se não existe raça (biológica), conseqüentemente, não existam práticas de racialização, que sustentam o racismo. Sabemos que isso está longe de ser verdade, pois o racismo é um fenômeno social e não biológico. E, como afirma Almeida (2018, p. 64), “Nesse sentido, podemos dizer que é o racismo que cria a raça e os sujeitos racializados”.

Por esse motivo, o que nos interessa é a dimensão mais contemporânea do uso desse termo. De acordo com Guimaraes (2003, p. 96) “as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais”. Neste campo semântico, o termo raça é operacionalizado para tratar de aspectos sócio-políticos. O conceito de raça se mostra útil e estrategicamente relevante para explicar como a percepção sobre aspectos fenotípicos e sua vinculação a atributos psicológicos são operados socialmente em processos de classificação e hierarquização entre os diferentes grupos humanos.

Apesar de o conceito de raça estar muitas vezes associado ao de etnia, os termos não são sinônimos. Para Munanga (2004, p. 12), “Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território”. A etnia é um conceito polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo ao considerar parentesco, religião, língua, território compartilhado e nacionalidade, além da aparência física. Etnia refere-se a esfera cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades normalmente reivindicam para si uma estrutura social, política e um território.

Diante disso, iremos operar com o conceito de raça, em um sentido social, para a compreensão do racismo como um conjunto de práticas sociais que organizam a sociedade brasileira. As raças não existem biologicamente, mas a racialização foi e é reproduzida socialmente pelo racismo. Embora proibido por lei, o racismo ainda está presente no Brasil. Munanga (2004) define o racismo como:

teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, 2004, p. 7)

Por mais que as leis busquem a igualdade entre os povos, o racismo é um processo histórico que modela a sociedade contemporânea devido à sua configuração estrutural. Nesse sentido, é usado para reforçar o fato de que há sociedades estruturadas com base na discriminação, onde o racismo é algo tão internalizado, que acaba normalizado. Silvio Almeida (2018), em sua obra intitulada como “O que é racismo estrutural?”, nos traz a seguinte definição:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Aqui, considera-se que comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018, p. 39)

Entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis para combater o racismo e os racistas (ALMEIDA, 2018). Para isso, as transformações cultural e educacional assumem lugar estratégico, sem substituir a luta em outros campos, tais como econômico, político e do direito.

Marco essencial na história da luta contra o racismo, a Lei N 10.639/03 inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todo o currículo escolar. A referida lei, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, cita que o conteúdo programático curricular incluirá a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e formação da sociedade nacional "resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil" (BRASIL, 2003). A Lei n. 10.639/03, bandeira levantada pelo movimento negro, foi um avanço que deve ser multiplicado.

A escola se apresenta como *locus* importante no combate ao preconceito e à discriminação racial, tendo como um dos pontos de pauta da luta antirracista a questão da representação. Isildinha Nogueira afirma que “A ‘brancura’ passa a ser parâmetro de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, etc. Assim, o branco encarna todas as virtudes, a manifestação da razão, do espírito e das ideias: a cultura, a civilização, isto é, a própria “humanidade” (NOGUEIRA, 2011, p.11). Diante de uma sociedade de lastro colonial, organizada sobre as bases do racismo estrutural, práticas pedagógicas que busquem rever e discutir a propagação de ideias negativas sobre a população negra podem contribuir para a construção de novas formas de sociabilidade.

4. O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA ADICIONAIS

Um dos grandes desafios da escola é a construção de uma pedagogia que dê conta da diversidade que compõe o Brasil. Enquanto meta a ser atingida, o trabalho

pedagógico com a pluralidade cultural diz respeito tanto à valorização dos aspectos étnico-culturais dos diferentes grupos sociais, quanto ao reconhecimento das desigualdades socioeconômicas que organizam e fundam a sociedade brasileira (BRASIL, 1997). Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam a importância de se “apontar transformações necessárias” (BRASIL, 1997, p.19). De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) o ensino de línguas deve “criar oportunidades de aproximação, derrubando estereótipos e preconceitos. Sendo assim, o papel de professores passa a ser quase o de articuladores de muitas vozes” (BRASIL, 2006, p. 136). Nessa perspectiva, o ensino de línguas deve levar o “estudante a entender a heterogeneidade que marca todas as culturas, povos, línguas e linguagens” (BRASIL, 2006, p. 137).

Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica afirmam ser fundamental promover uma educação para a diversidade, pautada no respeito, numa concepção inclusiva e não discriminatória, baseando-se em práticas bem estruturadas para a formação de cidadãos mais conscientes, tendo como objetivos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, etnia, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 2013, p. 164.)

Em seu conjunto, tais documentos vem fundamentando a preocupação com o “aprimoramento do estudante como um ser de direitos, pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2015, p. 9). Para esta concepção, o livro didático escolar também cumpre um papel relevante nesta missão, que é o de

Valorizar e promover os direitos humanos, mediante temas relativos à diversidade de gênero, étnico-racial, de orientação religiosa e de orientação sexual, bem como os direitos de aprendizagem das pessoas com deficiência e altas habilidades, investindo em práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas (BRASIL, 2015, p.11).

O papel do livro didático relaciona-se com a questão da representação. Segundo Ana Célia da Silva (2011, p. 31) “A representação de um grupo ou indivíduo é fundamental para a construção ou desconstrução da(s) sua(s) identidade(s), autoestima e autoconceito, uma vez que o indivíduo ou grupo pode perceber-se e conceitualizar-se a partir desse “real” e internalizá-lo”.

Em uma sociedade de traços coloniais, constituída a partir de um referencial de padrão que é tomado pela brancura (NOGUEIRA, 1998), a questão da representação em livros didáticos deve levar em consideração a complexidade desta questão. Em sua tese **Significações do corpo negro**, Nogueira (1998) analisa o sistema de estigmatização a que se encontram submetidos muitos indivíduos negros. Ela nos explica como o corpo negro foi submetido a uma determinada condição dentro de um sistema de representação pautado por um determinado ideal de brancura. Para Nogueira (1998, p. 116), “Ser branco” tanto quanto “ser negro”, para além da tonalidade que reveste o corpo dos seres humanos, representam

“valores”, significados. Para além do branco está a brancura, e tudo quanto essa condição de branco “simbolicamente” representa para o negro”.

Nesse sistema no qual estamos inseridos, a falta de representatividade negra pode levar tanto a construções específicas de identidade, como a um sentimento de subalternidade. É nesse sentido que Hall (2003, p. 50 apud CALDEIRA, 2011) concebe a identidade como um conjunto de representações culturais construído em situações específicas, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Sendo o livro didático (LD) um importante recurso pedagógico usado na escola regularmente, ele tem potencial para criar referências, ratificar ou desconstruir determinadas representações. Por isso sua relevância enquanto objeto de investigação.

De acordo com Jurandir de Almeida Araújo, em sua dissertação de mestrado intitulada “**A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990**”, que trata da importância dos movimentos negros baianos para uma educação antirracista na Bahia e, por conseguinte, no país, “a escola ainda não utiliza materiais didáticos que apresentam pessoas negras e indígenas como referência, minimizando a participação e a importância destas na formação do Brasil” (ARAÚJO, 2013, p. 122). Araújo conclui afirmando a relevância das organizações negras brasileiras na transformação do Estado e da sociedade; além disso, também destaca o papel fundamental da escola e de um currículo que contemple a diversidade étnico-racial e sociocultural nessa transformação.

Ana Célia da Silva em seu livro que é resultado da pesquisa intitulada *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*, afirma “que os livros de Língua Portuguesa das mesmas séries e ciclos da década de 80 caracterizavam-se pela rara presença do negro, e essa rara presença era marcada pela desumanização e estigma” (SILVA, 2011, p. 13). Seu estudo mais contemporâneo constatou “a existência de mudanças significativas na representação social do negro nos textos e ilustrações do livro de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental de 1º e 2º ciclos” (SILVA, 2011, p. 13). Tal como Araújo (2013) sobre o papel desempenhado pelo movimento negro, Silva (2011) concorda que “todas as entidades ou indivíduos que lutaram e lutam pela liberdade do negro, desenvolvendo estratégias de ocupação de espaços e territórios, denunciam, reivindicam e desenvolvem ações concretas para a conquista dos direitos fundamentais na sociedade” (SILVA, 2011, p. 116). No entanto, conclui afirmando que, apesar das melhorias, o negro continua sendo minoria quando se trata de representatividade nos livros didáticos analisados.

Ao discutirem o racismo cordial em LD de inglês no artigo intitulado “**O Racismo Cordial no Livro Didático de Língua Inglesa aprovado pelo PNLD¹**”, Ferreira e Camargo (2014) constataram que o negro foi representado de forma estereotipada, sendo bom em esportes, música e cinema. Ferreira e Camargo (2014), afirmam haver uma certa omissão na temática do racismo nas escolas, sobretudo nas aulas de inglês e reiteram que a partir do estudo realizado, concluem que os livros ainda não abordam as discussões sobre as questões étnico-raciais, tampouco estão adequados com à proposta da Lei 10.609/03.

¹ Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Por meio da publicação de editais no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Governo Federal determina critérios que estabelecem as regras para a inscrição do livro didático, o que movimenta o mercado editorial de acordo com políticas específicas. Assim, a produção dos LDs tem caráter político e econômico envolvidos em seu processo, o que indica sobretudo uma disputa de projetos educacionais. Como exemplo disso, no início de 2019, foram publicadas no Diário Oficial alterações polêmicas do edital do PNLD 2020. Dentre as mudanças, foram retirados trechos que afirmavam a obrigatoriedade em se “retratar adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país” (BRASIL, 2018, p. 41), bem como a obrigatoriedade em se promover positivamente a cultura e história afrobrasileira e indígena, sendo excluído também o termo “quilombola”. Após repercussões negativas, o governo voltou atrás e anulou a decisão, cancelando o aviso de retificação do edital e assim permanecendo o texto original (G1, 2019).

Assim, ainda permanece como exigências dos editais do PNLD a abordagem das questões étnico-raciais, inclusive como critério eliminatório de LDs que não cumprirem com o “respeito a legislação, as diretrizes e as normas oficiais relativas ao ensino médio”, no qual se ressalta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e suas alterações, incluindo a Lei N 10.639/03.

O edital do PNLD 2015 destaca ainda que estão sujeitas à eliminação as obras didáticas que “veicularem estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos” (BRASIL, 2013, p.40). Por fim, o guia de orientações do PNLD para a componente de Língua Estrangeira apresenta como critério de avaliação para aprovação de uma obra didática verificar se ela favorece “o acesso à diversidade cultural, social, étnica, etária e de gênero manifestada na língua estrangeira, de modo a garantir a compreensão de que essa diversidade é inerente à constituição de uma língua e a das comunidades que nela se expressam” (BRASIL, 2014, p. 12).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Enquanto esforço de elaborar conhecimento sobre aspectos da realidade (LUDKE; ANDRÉ, 1986), esta pesquisa teve como objetivo geral a análise das questões étnico-raciais presentes em dois livros didáticos de espanhol como língua adicional. Para isso, foram estabelecidos como objetivos específicos (i) analisar imagens, bem como (ii) verificar a presença e (iii) discutir as atividades centradas em questões étnico-raciais presentes nos livros.

Circunscrito na área de Linguística Aplicada, a qual focaliza a resolução de questões em torno da linguagem, este estudo se edificou sob o paradigma da investigação qualitativa. Delineado a partir dos objetivos da pesquisa documental e bibliográfica (RICHARDSON, 1999), o presente trabalho investigou dois livros didáticos de espanhol como língua adicional a partir de perspectiva interpretativista.

Os objetos avaliados foram os livros didáticos intitulados **Cercanía Joven 1** e **Enlaces 1** da coleção PNLD 2015-2017. A escolha dos materiais se deu pelo fato de serem os livros utilizados em um instituto federal de educação técnica e tecnológica.

Para a realização deste estudo, foram definidas quatro etapas:

- (i) a análise documental, para compreender o que os documentos orientadores da educação e as leis estabelecem para a abordagem das questões étnico-raciais em sala de aula;
- (ii) a identificação geral dos livros, considerando aspectos de sua publicação e aprovação no PNLD, bem como análise geral que levou em consideração a compreensão de sua organização estrutural e abordagens de ensino;
- (iii) a verificação da presença de questões étnico-raciais em atividades e imagens disponíveis nos livros por meio de levantamento e tabulação de dados;
- (iv) após essas etapas, prosseguimos com a análise dos dados obtidos.

A análise de dados de orientação interpretativa e reflexiva, teve como referência tanto leis e documentos que orientam a educação brasileira, como também pesquisadores citados ao longo da seção teórica deste artigo.

O livro **Enlaces 1**, aprovado na coleção 2015-2018 do PNLD, está estruturado em 8 unidades. Cada unidade aborda uma temática diferente e se propõe trabalhar as quatro habilidades do ensino de línguas. O livro traz atividades que englobam a compreensão leitora, a produção escrita, a compreensão oral com as gravações do CD de áudio que permite ao aluno ter contato com as variantes da língua espanhola e também atividades que são voltadas para o desenvolvimento da expressão oral. O livro busca ser disciplinar e transversal.

Nas unidades 1 e 2, o livro apresenta algumas imagens de pessoas negras, porém, nas outras unidades do livro (3, 4, 5, 6 e 8) não há referência alguma sobre questões étnico-raciais e sequer trazem imagens de pessoas negras. A unidade 7 é a única no livro que apresenta a possibilidade de se discutir o racismo. Há uma pequena parte da unidade que é destinada ao debate sobre o racismo juntamente com outras temáticas, sendo elas o bullying no ambiente escolar e o preconceito linguístico. Uma importante observação sobre a obra encontrada no guia do PNLD, diz que, “de modo geral, o indígena brasileiro e de regiões hispano falantes é pouco representado em ilustrações da obra” (BRASIL, 2015, p. 33). Outra observação enfatiza que, “falta estimular mais a participação social dos jovens em sua comunidade como agentes de transformações.” (BRASIL, 2014, p. 33)

O livro **Cercanía Joven 1**, também aprovado na coleção 2015-2018 do PNLD, está organizado em 3 unidades com 6 capítulos, cada capítulo trabalha um gênero discursivo diferente e o livro se propõe trabalhar as quatro habilidades do ensino de línguas. A obra trabalha a produção escrita com atividades que são desenvolvidas na seção “*Escritura*”, a compreensão oral que é desenvolvida na seção “*Escucha*”, com as gravações do CD de áudio, a expressão oral é desenvolvida na seção “*Habla*” e a compreensão leitora, que se encontra na seção “*Lectura*”. O livro busca a transversalidade, a interdisciplinaridade e também a interculturalidade, pois ao final de cada unidade didática há uma sessão dedicada a fazer um diálogo entre a cultura do estudante e a cultura hispanofalante.

Na unidade 1, que compreende os capítulos 1 e 2, o livro traz uma imagem que contém pessoas negras. Na unidade 2, que compreende os capítulos 3 e 4, o livro traz algumas imagens que contém pessoas negras e é também nessa unidade, mais precisamente nas páginas 104 a 109, que encontramos atividades que motivam o debate sobre o racismo. E por fim, na unidade 3, que compreende os capítulos 5 e 6, há mais algumas imagens de pessoas negras. O guia PNLD afirma que o livro precisa melhorar algumas atividades a fim de “estimular, de maneira mais efetiva, a participação social dos alunos em sua(s) comunidade(s) como agentes de transformação da(s) realidade(s) em que estão inseridos”. (BRASIL, 2014, p. 28).

Tabela 1: Resultados encontrados sobre a representação de pessoas negras nos LDs

Livro didático	Quantidade de imagens de pessoas		
	Brancas	Negras	Outras etnias
Enlaces 1	117	11	13
Cercanía Joven 1	74	9	9

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2: Resultados encontrados sobre atividades de recorte étnico-racial

Livro didático	Quantidade de atividades	
	Com recorte étnico-racial	Com outras temáticas
Enlaces 1	1	389
Cercanía Joven 1	2	285

Fonte: Elaborado pelos autores.

O livro didático possui valores implícitos que são propalados no processo de ensinar. Para compreender as questões que justificam a sua elaboração para além das abordagens e técnicas, é preciso também mirar as “condições de sua produção, política editorial e as estratégias mercadológicas para a sua penetração no mercado escolar” (ALMEIDA FILHO et al, 1991, p. 1998). Nesse sentido, apesar das exigências do PNLD, muitos livros não tratam com a devida importância às questões étnico-raciais e acabam deixando em segundo plano um assunto fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade antirracista, justa e igualitária (ARAÚJO, 2013).

Por exemplo, no livro **Enlaces 1**, constatou-se a alta representação de pessoas brancas em imagens expostas no livro e a reduzida presença de atividades de recorte étnico raciais. As imagens de pessoas brancas retratadas no livro representam 90,6% do total de fotografias dispostas no livro (117 imagens) contra 9,4% (11 imagens) de pessoas negras. Tal como sinalizado na imagem 1, abaixo, as questões étnico-raciais neste livro serão colocadas em posição lateral, frente a outras temáticas, ou abordadas superficialmente.

Figura 1



Fonte: (OSMAN et al., 2013, p. 12)

Os sistemas semióticos e não-semióticos, situados sócio historicamente, engendram noções temporárias sobre humanidade. O corpo, em tais sistemas, é lócus para a sua produção discursiva sobre as diferenças e desigualdades (XXX, 2019). Nesse processo, é preciso investigar como operam os componentes hegemônicos, ideológicos e de poder que subordinam os diferentes grupos sociais por meio de mecanismos complexos, que dentre eles podemos citar a representação. Segundo Ribeiro (2019, p. 12), “essa divisão social existe há séculos, e é exatamente a falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial.”

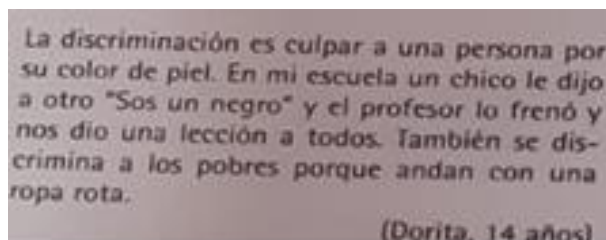
Tal regime semiótico (e não semiótico) de dominação racial, que organiza e informa a sociabilização no Brasil, apaga os traços de subjetividade e diversidade dos sujeitos, reduzindo-os a uma característica fenotípica (SALES JÚNIOR, 2006). Assim, enquanto pessoas racializadas como brancas são heterogêneas e representadas em diferentes posições sociais, as imagens de pessoas negras, frequentemente, aparecem reduzidas a lugares comuns de menos prestígio. Diante disso, podemos falar então de ideologia racial que segundo Nogueira (1998, p. 89), “se funda e se estrutura na condição universal e essencial da brancura, como única via possível de acesso ao mundo.”

Ainda na análise do livro **Enlaces 1**, organizado em oito unidades, foi identificado que apenas uma pequena parte da unidade 7 é reservada para o debate sobre o racismo (OSMAN et al., 2013, p. 118). Essa atividade traz relatos de três jovens argentinos que sofreram ou presenciaram alguma situação de preconceito. O primeiro relato fala sobre a discriminação sofrida por uma criança negra na escola onde todos zombavam dela pelo simples fato de ser negro; ninguém fazia nada, nem o próprio garoto reagia. O segundo relato conta o racismo sofrido por um colega de classe, porém, nesse caso, o professor interveio na situação. O terceiro relato descreve especialmente o preconceito linguístico. O livro aborda o racismo, porém de maneira insuficiente. Além disso, em única atividade, insere temas complexos que mereceriam ser tratados separadamente, como o preconceito linguístico e o bullying.

Apesar da questão da discriminação racial e do racismo merecer aprofundamento, esta atividade parece apenas buscar atender, mesmo que superficialmente, aos requisitos do Edital do PNL, sem o efetivo comprometimento com a complexidade da questão. Os exercícios que se seguem após o texto são

dedicados a questões gramaticais, de léxico e apenas duas questões sobre o preconceito.

Figura 2



La discriminación es culpar a una persona por su color de piel. En mi escuela un chico le dijo a otro "Sos un negro" y el profesor lo frenó y nos dio una lección a todos. También se discrimina a los pobres porque andan con una ropa rota.

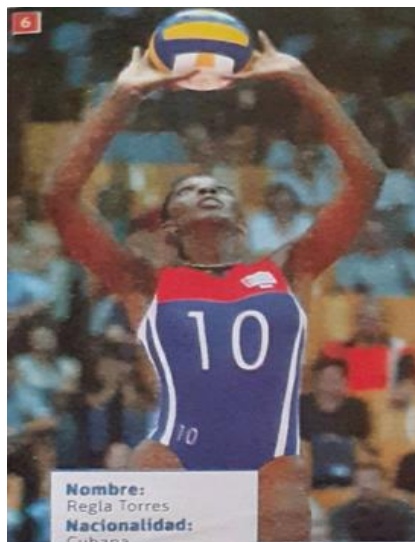
(Dorita, 14 años)

Fonte: (OSMAN et al., 2013, p. 118)

O pequeno recorte da página 118 do livro, acima, mostra como o espaço reservado para o debate sobre questões étnico-raciais é muito pequeno. De acordo com Santos (2012) em sua dissertação de mestrado em educação, "a divulgação das coleções aprovadas não deixa explícito se os livros escolhidos atenderam a todas as especificações dos editais do PNLD ou foram escolhidos por serem os melhores entre os indicados pelas editoras participantes do PNLD" (SANTOS, 2012, p. 24). É necessário que haja uma mudança nas políticas educacionais para que sejam atendidas todas as demandas dos grupos sociais. Mesmo com toda pressão e luta do movimento negro no sentido da modificação da forma como os negros são representados nos materiais didáticos e por mais representatividade, ainda percebe-se como ainda essa temática é tratada de maneira superficial, percebe-se também, através da análise do livro **Enlaces 1**, como o ensino de línguas ainda está desvinculado da realidade do estudante e como o negro é desvalorizado nos materiais didáticos.

Já no livro **Cercanía Joven 1** o contraste entre o número de pessoas brancas e negras representadas no livro é um pouco menor que no livro anterior, sendo 87,84% (74 imagens) de pessoas brancas e 12,16% (9 imagens) de pessoas negras. Assim como no livro anterior, a representação das pessoas negras é reduzida a posições mais rígidas. Neste livro a representação de proeminência se vincula frequentemente ao mundo do esporte e a contar a vida de atletas que foram destaque em suas áreas, como por exemplo a ex-jogadora de vôlei Regla Torres, que é cubana e uma das maiores de todos os tempos nesse esporte, além do ex jogador de futebol Pelé. Nesse sentido, é fundamental que haja, nos livros didáticos, a representação da população negra com papéis importantes, variados e livres de estigmas.

Figura 3



Fonte: (COIMBRA et al., 2013, p. 89).

Djamila Ribeiro (2019) trata dessa questão em seu livro intitulado “**Pequeno manual antirracista**”, afirmando que:

A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. (RIBEIRO, 2019, p. 16).

O livro didático deve também se adequar a estas condições, pois a imagem social dos negros em materiais didáticos ainda está claramente ligada a papéis de menor influência no contexto social, o que dificulta o reconhecimento do negro na sociedade brasileira como um cidadão com plenas capacidades de ocupar qualquer cargo social. Sobre a questão da representatividade, Silva afirma que isso “tem um impacto sobre a construção da identidade dos educandos de ascendência africana, indígena e mestiça, que não encontram referências positivas a sua origem, a sua cultura e a sua história, omitida ou mostrada de maneira caricatural, estereotipada e folclorizada na escola.” (SILVA, 1995, p. 135). Assim, é importante mencionar que a simples presença de imagens nos livros didáticos não é garantia da promoção do debate e da reflexão sobre questões étnico-raciais no contexto brasileiro.

O ponto positivo do livro vai para o debate sobre o racismo que se encontra na unidade 2 da obra (COIMBRA et al., 2013, p. 104). A atividade apresenta crônica de Juan Villoro, que trata de um homem que morreu duas vezes e busca construir uma reflexão sobre as causas de suas mortes. A personagem principal da crônica é Moacir Barbosa, o primeiro goleiro negro da história da seleção brasileira. O texto

conta como Moacir sofreu preconceito na década de 1950. Na final da copa do mundo entre Brasil e Uruguai, no Maracanã, o Brasil foi derrotado pela seleção uruguaia e a culpa da derrota caiu toda sobre Barbosa, essa segundo o escritor, seria sua primeira morte do goleiro, que sofreu preconceito do povo brasileiro que diziam que, por ser negro, ele não tinha a mesma elasticidade e explosão dos goleiros brancos e por isso supostamente teria falhado em um dos gols do Uruguai. O primeiro goleiro negro da história da seleção brasileira teve que sofrer pela derrota e pelo preconceito e racismo que lhe renderam muitas humilhações públicas. A segunda morte do arqueiro brasileiro foi no ano 2000, quando faleceu e foi sepultado no Rio de Janeiro.

Há sete questões (COIMBRA et al., 2013, p. 106) que o livro propõe para reflexão do texto, as questões estão divididas por seções. A primeira sessão tem quatro perguntas e tratam dos elementos da crônica, segunda sessão tem duas perguntas e tratam da análise do sentido da crônica e a terceira sessão tem uma pergunta e trata da intertextualidade. As questões mais relevantes para o debate racial são as duas questões da segunda sessão, e que, com a mediação do professor, poderá render um bom debate sobre o preconceito racial e como isso é passado de geração em geração e dura até os dias atuais.

O livro traz um pequeno texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano (COIMBRA et al., 2013, p. 107), que fala como Barbosa nunca foi perdoado e que inclusive em certo jogo da seleção brasileira pelas eliminatórias sul-americanas, em 1993, foi visitar os companheiros na concentração e foi impedido de entrar pelas autoridades. Moacir Barbosa sofreu pelo racismo e nunca foi perdoado pelo simples fato de a cor de sua pele ser negra. Com esses textos o professor pode propor um bom debate sobre o racismo e como isso acontece na sociedade atualmente e como podemos combater essa prática tão sórdida.

Figura 3



Fonte: (COIMBRA et al., 2013, p. 105)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo, conclui-se que a abordagem sobre as questões étnico-raciais ainda necessita ser ampliada e aprofundada nos livros

didáticos para que sirva efetivamente de apoio para a prática docente. A análise das imagens coletadas indicou a reduzida representação de pessoas negras frente ao número de pessoas brancas, bem como a baixa representação de negros em posições socialmente diversas, centrais e prestigiosas. De modo semelhante, a análise das atividades de recorte étnico-racial indicou a reduzida presença de atividades com esse recorte, como também certa superficialidade no tratamento da questão.

Nesse sentido, compreende-se que as exigências requeridas pelo PNLD devem ser analisadas qualitativamente e não meramente quantitativamente. Abordar criticamente a questão étnico-raciais, situando-a como elemento central da formação da sociedade brasileira, é o que possibilitará tensionar e transforma o conjunto epistêmico, político e cultural que reproduziu por muito tempo a racionalidade eurocêntrica, que tem como referente as experiências de um sujeito fenotipicamente bem marcado (SEVERO, 2017).

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. DE; BAGHIN, D.; CONSOLO, D. A.; SANTOS, J. B. C. DOS; ALVARENGA, M. B.; VIANA, N. A representação do processo e aprender no livro didático nacional de língua estrangeira moderna no 1º grau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 17, n. 1, 13 dez. 2012.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAÚJO, J. A. **A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990.** 2013. 187f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

ARAUJO, M. de S. O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte, v.12, n. 3, p.647-652, Set. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio, área de linguagens e suas tecnologias.** Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital de Convocação para o processo de inscrição e Avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2020.** Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015: Língua Estrangeira Moderna.** Brasília: MEC/SEB. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2013. p. 144-160.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital de Convocação para o processo de inscrição e Avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2015**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996.

CALDEIRA, E. Representação dos atores sociais: Discurso de reforço e enfraquecimento na constituição discursiva de identidades étnicas. **Prolíngua**, v. 6, n. 2, 2011.

COIMBRA, L. et al. **Cercanía Joven: espanhol**, vol. 1. 1. Ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

G1. TV GLOBO. Ministro anula mudança em edital que permitiria livros escolares com erros e propagandas. **Portal de notícias G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/01/09/ministro-anula-alteracao-em-edital-que-retirava-exigencia-de-livro-escolar-sem-erro-de-revisao.ghtml>>. Acesso em: 29, jun. de 2020.

GUIMARAES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação & Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jun. 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA LOPES, L. P. Da Aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho de diferentes acessos**. São Paulo Contexto, 2011, p.11-24.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Em: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira** [S.l: s.n.], 2004.

NOGUEIRA, I. B. O corpo negro: sentidos e significados. **Nguzu**, Londrina, ano 1, n. 1, p. 10-13, 2011.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998

OSMAN, S. et al. **Enlaces: Español para jóvenes brasileños**, vol. 1. 3. ed. São Paulo: Macmillan, 2013.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SALES JÚNIOR, R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200012>

SANTOS, W. O. dos. **Relações raciais, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e livros didáticos de geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SEVERO, C. G. Pós-colonialismo e Linguística: relação (im)possível? In: **Linguagens e Descolonialidades**. 2017. 39–54 pp.

SILVA, A. C. da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO – Centro de Estudos Afro – Orientais, 1995.

SILVA, A. C. da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011

Para citar este artigo

MENDES, L. B.; YAMANAKA, J. H. C. Análise de livros didáticos de espanhol: questões étnico-raciais. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 239-257.

Os Autores

LEONARDO BARBOSA MENDES é graduando em Licenciatura com habilitação em Letras/Espanhol no Instituto Federal de Brasília.

JULIANA HARUMI CHINATTI YAMANAKA é professora no Instituto Federal de Brasília (IFB). É doutoranda em Linguística, da área de concentração Linguagem e Sociedade, com foco em Análise de Discurso Crítica, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (PPGL - UnB). É mestra em Linguística Aplicada (2013), licenciada em Letras (2009) e bacharela em Gestão de Políticas Públicas (2017) pela Universidade de Brasília.